

Fascistas na era digital: subsídios para comparações entre web sites da Europa e da América do Sul (1996-2008)

Dilton C. S. Maynard^I

Resumo: Esta nota de pesquisa examina a presença precoce e persistente de grupos de extrema-direita e neofascistas no ciberespaço, destacando sua ocupação estratégica desde os anos 1990. A partir de debates historiográficos sobre o fascismo e de reflexões contemporâneas sobre o negacionismo, argumenta-se que a ascensão de atores políticos de extrema-direita nas redes sociais do século XXI não constitui fenômeno inédito, mas resultado de um processo de colonização digital de longa duração. A análise evidencia como a ausência de regulamentação e a subestimação do impacto político da Internet permitiram que discursos extremistas prosperassem. Com base no conceito de “mínimo fascista” de Robert Paxton e na perspectiva plural de Francisco Carlos Teixeira da Silva, defende-se que as práticas fascistas persistem entre gerações, adaptando-se a novos meios e contextos políticos.

Palavras-chave: Fascismo; Neofascismo; História Digital; Negacionismo; Extrema-direita.

Fascists in the digital age: subsidies for comparisons between websites from Europe and South America (1996-2008)

Abstract: This research note examines the early and persistent presence of far-right and neo-fascist groups in cyberspace, highlighting their strategic occupation since the 1990s. Drawing from historiographical debates on fascism and contemporary reflections on denialism, it argues that the rise of far-right political actors on 21st-century social media is not an unprecedented phenomenon, but the result of a long-term process of digital colonization. The analysis highlights how the lack of regulation and the underestimation of the internet's political impact allowed extremist discourses to thrive. Based on Robert Paxton's concept of "fascist minimum" and Francisco Carlos Teixeira da Silva's plural perspective, it is argued that fascist practices persist across generations, adapting to new media and political contexts.

Keywords: Fascism; Neo-fascism; Digital History; Denialism; Far-right.

FASCISTAS NA ERA DIGITAL: SUBSÍDIOS PARA COMPARAÇÕES ENTRE WEBSITES DA EUROPA E DA AMÉRICA DO SUL (1996-2008)

MAYNARD, D. C. S.

"Racistas descobriram que a Net é uma forma maravilhosa de levar sua mensagem a um público enorme a baixo custo"^{II}.

"Também existe a categoria do sonho lúcido, quando você sabe que é sonho, mas não consegue ver a saída"^{III}.

Fascismos na esfera digital

Marc Bloch escreveu que o historiador “se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”. No século XXI, tal reflexão revela-se especialmente relevante ao investigarmos as interseções entre história, política e tecnologia. Após as vitórias eleitorais de Donald Trump (EUA, 2016) e Jair Bolsonaro (Brasil, 2018), tornou-se evidente a força dos movimentos de extrema-direita no ciberespaço. Para alguns, esse domínio surgiu como algo natural; para outros, um acidente ou surpresa. Neste sentido, uma análise histórica mais detida sinaliza a presença fascista no ambiente digital como não repentina e tampouco inédita. Esta nota de pesquisa analisa sumariamente e em perspectiva comparada^{IV} alguns dos primeiros e mais atuantes sítios eletrônicos em funcionamento nos EUA, Europa e na América do Sul, entre o final dos anos 1990 e a primeira década do 2000, voltados para a difusão de ideias fascistas. A pesquisa evidencia um processo de colonização, de ocupação do ciberespaço, que possibilitou a diferentes grupos de extrema-direita a constituição de uma expertise ainda hoje perceptível como diferencial nos usos de redes sociais e outros recursos eletrônicos.

De início, podemos afirmar que a ocupação da internet por grupos de extrema-direita começou nos anos 1990. Ao seu final, negacionistas, supremacistas brancos e fascistas das mais diferentes tendências e nacionalidades encontraram em sites, blogs, fóruns e até nas primeiras lojas virtuais e jogos digitais um espaço fértil para disseminar teorias conspiratórias, discursos de ódio e apologia à violência política. Migrar as atividades e intensificá-las nos ambientes eletrônicos se tornou uma conduta recorrente entre fascistas no novo milênio. Não foi um processo lento ou que tenha ocorrido sem advertências^V.

Por exemplo, em 1996, na sua primeira edição eletrônica, o *New York Times* já alertava para a atividade neonazista na rede, ressaltando os riscos da propagação de discursos extremistas no espaço digital. O NYT noticiava as páginas do ódio em franca ascensão: “Racistas descobriram que a Net é uma forma maravilhosa de levar sua mensagem a um público enorme a baixo custo” (tradução livre)^{VI}. O periódico destacava que, com a ocupação do ciberespaço, era possível evitar o muitas vezes perigoso contato frente-a-frente: “Na era eletrônica, encontros cara a cara tem uma importância secundária na formação de alianças internacionais. Como os grupos domésticos, a extrema-direita internacional utiliza a Internet, bem como máquinas de fax e da editoração eletrônica para espalhar a palavra a palavra” (tradução livre)^{VII}.

Alguns anos depois, os atentados do 11 de Setembro de 2001 revelaram ao mundo uma nova face do terrorismo, antes conhecida apenas pelas agências de inteligência. Organizações não-lineares, com ativistas atuando como “lobos solitários”, dificultavam o rastreamento das parcerias e a identificação da hierarquia em grupos como a Al Qaeda. É importante ressaltar que os sequestradores dos aviões da American Air Lines e da United Airlines utilizaram recursos eletrônicos como e-mails e salas de chats para articularem o atentado, havendo pesquisado na rede informações sobre os alvos potenciais^{VIII}.

Como já observado, o processo de ocupação foi rápido e encontrou pouquíssimas resistências. O que explica a facilidade nesta colonização do ciberespaço pela extrema-direita?

MAYNARD, D. C. S.

A ausência inicial de legislação específica e o menosprezo pelo alcance da Internet criaram condições para a expansão dessas redes. Lembramos que, em seus primeiros tempos, a Internet não possuía regulação clara, facilitando ações, criando brechas. O que era a Internet, afinal de contas? Um meio de comunicação ou um lugar? A depender de como tais questionamentos fossem respondidos, as responsabilidades e as possibilidades eram distintas e imensas. Essa colonização digital explicaria o atual protagonismo e a expertise da extrema-direita em redes sociais.

A análise do fascismo nesse contexto exige cautela conceitual. Robert Paxton define o fascismo como um comportamento político caracterizado pela obsessão com a decadência nacional, pelos cultos compensatórios de unidade e pureza e pela perseguição de objetivos de limpeza étnica e expansão externa mediante violência redentora, em cooperação com elites tradicionais^{IX}. Por sua vez, Francisco Carlos Teixeira da Silva sustenta que é mais adequado falar em *fascismos* no plural, entendidos como práticas políticas transmitidas entre gerações. Essas práticas não desaparecem, mas se reconfiguram, emergindo em novos contextos históricos e tecnológicos, sendo perceptíveis variações nacionais^X. No ambiente digital, parte da sociedade que “foi à escola”, aprendeu história e, ainda assim, insiste em abraçar o fascismo, seguir um Duce, um Führer, um “Mito” (para o Brasil), um “Leão” (como na Argentina), insiste em gritar pela morte do outro — agora via plataformas on-line^{XI}.

Nesta perspectiva, a emergência dos movimentos neofascistas pós-Segunda Guerra e a publicização da Internet (1995), são alguns dos elementos fundamentais para entendermos os novos contornos da política no tempo presente. Os neofascismos, pelo seu discurso de supremacia racial, xenofobia marcante encontram na Internet, pela influência e dependência que causa aos seus usuários, uma das razões para o seu crescimento constante. É válido ressaltar que algo em torno de 75% da população mundial, compra, vende, namora, trabalha e realiza uma infinidade de ações pela web.^{XII}

Optamos, contudo, por investigar a internet em seus primeiros anos como um empreendimento comercial e acessível ao grande público, inteligível a não especialistas em sistemas digitais. Abarcamos um período entre 1996 e 2008, ou seja, basicamente a primeira década de funcionamento da rede mundial de computadores como um recurso não restrito à comunidade científica ou ao universo militar. Ao contrário, lidamos com os primeiros anos, tempo em que “imigrantes digitais” se viram diante do desafio de aprender e ocupar a Internet e seus recursos^{XIII}.

Durante a nossa pesquisa, foram efetuadas visitas e catalogações de sítios eletrônicos de extrema-direita. Para este texto, um importante *locus* da pesquisa foi o endereço <http://www.internetarchive.org>. Ali, através da ferramenta eletrônica www.waybackmachine.org, foi possível acessar inúmeras páginas eletrônicas dos grupos selecionados para a análise (Radio Islam, EUA, <http://www.radioislam.org>, Valhalla88, Brasil, <http://www.nuevorden.net/portugues/valhalla88.html>, Libre Opinión, Argentina, <http://www.libreopinion.com>, e Nova Ordem, Portugal e Espanha, <http://www.nuevorden.net>) e que, após denúncias e ações policiais, foram retiradas de funcionamento.

Neste imenso “arquivo” virtual, muitas páginas não se mostraram completas, sendo comuns links sem funcionamento e mesmo a ausência de imagens. Todavia, neste aspecto, a experiência não nos deixava longe de investigadores que se interessem por impressos do século XVIII ou mesmo do XIX. Sim, é claro, nos faltaram pedaços de jornais, páginas não foram encontradas^{XIV}, alguns registros foram apagados, e possivelmente jamais serão revistos (a menos que um backup dele apareça em algum site emulador da extrema-direita). Todavia,

MAYNARD, D. C. S.

nenhuma destas dificuldades pode ser motivo para justificar o distanciamento e as possíveis tentativas de desqualificar o trabalho do historiador que lida com sítios eletrônicos. O que necessitamos neste caso é ter atenção aos procedimentos de crítica histórica^{XV}. A crítica não deve diferir daquelas adotadas pela análise histórica clássica. Como lembra Antoine Prost: “trata-se do mesmo método, aplicado a outra documentação que, às vezes, utiliza saberes específicos”^{XVI}. Diante de tal resolução, apresentamos a seguir alguns aspectos centrais sobre os ambientes e movimentos analisados.

O primeiro deles, com inserção nos Estados Unidos, mas também na Europa e na América do Sul, é o portal Radio Islam, criado em 1996 por Ahmed Rami, que se apresenta como ex-oficial marroquino, a partir de sua experiência com uma estação de rádio na Suécia. Registrado nos EUA, sua configuração inclui informações do site, descrições e argumentos sobre o sionismo, revisionismo, judaísmo e cristianismo, o poder judaico no mundo, a “verdade” sobre o holocausto, a revolução marroquina, álbuns fotográficos, caricaturas, gravuras, charges, protestos e espaço de opiniões. Esteve disponível em mais de 22 idiomas. O portal, intitulava-se “a mãe de todos os sites antijudeus”. Havia em seu conteúdo forte propaganda antisemita, apologia ao ódio racial e a promoção de ambientes virtuais de sociabilidade para facções neofascistas. A propaganda revisionista e a veiculação dessas ideias foram características peculiares deste site, ocupando espaço significativo no portal.

Todavia, como podemos definir o revisionismo? Basicamente o revisionismo histórico é uma reinterpretação de fatos elaborando explicações contrárias às amplamente aceitas sobre os mesmos^{XVII}. Neste ponto, o revisionismo histórico encontrado no site Radio Islam tenta (re)explicar o Holocausto tomando como base os argumentos de nomes como Robert Faurisson (1929-2018), ex-professor de literatura da Universidade de Lyon; do escritor Richard Harwood (1948, Richard Varral ou Verral); Arthur R. Butz (1933), professor de engenharia elétrica da Universidade de Northwestern; Bradley R. Smith (1930-2016), ex-diretor de mídia do Instituto de Revisão Histórica (EUA) e fundador do CODOH (Fórum de Debates sobre o Holocausto); Ernst Zündel (1939-2017), conhecido neonazi, além do próprio Ahmed Rami.

Com o propósito de “esclarecer” sobre o tema do Holocausto e desconstruir narrativas “fantasiosas” sobre o assunto, o Radio Islam oferece os textos como: “As vitórias do Revisionismo”, “O que é Revisionismo”, “Seis milhões realmente morreram?”, “Pequena introdução ao estudo do Revisionismo do Holocausto”, “Aquilo em que acredito, aquilo em que não acredito e por que”, “Não culpados em Nuremberg”, “Introdução ao pensamento revisionista”, “66 perguntas e respostas sobre o Holocausto”, dentre outros, além de livros, artigos e entrevistas, em inglês.

A partir disso, uma série de explicações elaboradas nega a ocorrência do Holocausto ou das câmaras de gás dos campos de concentração nazistas, oferecendo supostas “provas” de que as mortes, torturas e inúmeras atrocidades não passam de uma invenção sionista. O movimento é aparentemente simples, mas carrega consigo violência e brutalidade política consideráveis, quando alimenta o chamado negacionismo histórico.

O argumento negacionista é raso e fundamentalista: as “supostas” câmaras de gás hitlerianas e o “suposto” genocídio dos judeus formam uma única e mesma mentira histórica, que permitiu uma gigantesca vigarice política e financeira no qual os principais beneficiários são o Estado de Israel e o sionismo internacional e as principais vítimas são o povo alemão, mas não os seus dirigentes, e o povo palestino na sua totalidade (<http://www.radioislam.org/faurisson/por/vitorias-portug.htm>).

FASCISTAS NA ERA DIGITAL: SUBSÍDIOS PARA COMPARAÇÕES ENTRE WEBSITES DA EUROPA E DA AMÉRICA DO SUL (1996-2008)

MAYNARD, D. C. S.

O absolutismo argumentativo considera todas as fontes que atestem o contrário, mesmo aquelas produzidas pelos próprios carrascos, e elas são muitas, apenas reforçadoras do plano sionista para divulgar uma versão fantasiosa e mentirosa da história. Alicerçados numa teoria sem qualquer profundidade, baseada principalmente num questionável dossiê (<http://www.radioislam.org/protocols/indexpo.htm>), o revisionismo propõe uma (re)interpretação do genocídio semita durante a II Guerra Mundial, desacreditando a história oficial através de alegações limitadas e infundadas.

Pesquisador dedicado ao trabalho de negar o Holocausto, o revisionista Robert Faurisson usava o Radio Islam como suporte para difundir conteúdos que atestavam a “invenção” do Holocausto, juntamente com outros apoiadores de uma revisão da história, já mencionados.

Numa secção dedicada às chamadas “vitórias” judiciais obtidas em tribunais pelos revisionistas, Faurisson defendeu os alemães nazistas a partir de argumentos como:

1. Os alemães tiveram campos de concentração, mas não “campos de extermínio” (expressão forjada pela propaganda aliada);
2. Utilizaram câmaras de gás para desinfecção que funcionavam, sobretudo, com um inseticida denominado Zyklon B (à base de ácido cianídrico) mas jamais possuíram câmaras de gás homicidas nem caminhões de gás homicidas;
3. Utilizaram fornos crematórios para a incineração de cadáveres e não para neles queimarem seres vivos;
4. Após a guerra as chamadas fotografias de “atrocidades nazis” mostravam-nos enfermos, moribundos ou mortos, mas não assassinados;
5. Devido quer ao bloqueio dos aliados, quer aos seus sistemáticos bombardeamentos generalizados, quer ao apocalipse sofrido pela Alemanha no final de um conflito de quase seis anos, a fome e as epidemias, particularmente o tifo... (<http://www.radioislam.org/faurisson/por/vitorias-portug.htm>).

O ceticismo de Faurisson sobre o Holocausto questiona conceitos históricos concernentes a “fato”, “narração”, “verdade”, “prova”, “realidade”. Enfrentando as alegações revisionistas, Carlo Ginzburg contesta Faurisson, citando a comparação que Griffet realiza entre o historiador e o juiz^{XVIII}. Ambos estão comprometidos em verificar a credibilidade das testemunhas de uma situação. Embora no meio acadêmico haja uma discussão sobre provas, deve-se levar em conta que a ligação entre provas, verdade e história não merece ser facilmente descartada. Ou seja, o historiador deve construir a história pautada num princípio de realidade. Mesmo “produzindo um espaço e um tempo, embora inserido num espaço e num tempo”^{XIX}, o historiador não deve excluir a busca pela realidade dos acontecimentos, dificilmente encontrada sem o uso de provas como elemento validador.

As alegações de Faurisson sobre o massacre dos judeus na Alemanha nazista oferecem explicações impossíveis de desacreditar as provas incontestáveis do genocídio. A dedicatória de Pierre Vidal-Naquet para a sua própria mãe, Marguerite Valabrègue, em seu livro *Les Assassins de la mémoire* (“Os assassinos da memória”)^{XX}, ela mesma vítima de Auschwitz em 1944, revela algo sobre o peso político, a afronta a todo o horror vivido e os preocupantes desdobramentos resultantes do negacionismo histórico. A distorção do discurso histórico em “invenção” construída ao sabor de relativismos não se sustenta, pois como lembra Ginzburg

FASCISTAS NA ERA DIGITAL: SUBSÍDIOS PARA COMPARAÇÕES ENTRE WEBSITES DA EUROPA E DA AMÉRICA DO SUL (1996-2008)

MAYNARD, D. C. S.

“qualquer documento, a despeito de seu caráter mais ou menos direto, sempre guarda uma relação altamente problemática com a realidade. Mas a realidade (‘a coisa em si’) existe”^{XXI}.

Por sua vez, Marc Ferro aponta para o Holocausto como “um caso limite” e um “paradigma” em termos de genocídio, “pelo fato de o projeto dos nazistas – fazer desaparecer uma raça, uma comunidade – ter sido assumido e executado”^{XXII} com auxílio da população. Avançando no mesmo terreno, ao discutir a irrupção do neofascismo a partir de 1980, Teixeira da Silva aponta para a propaganda e a agitação como sua ferramenta básica. Nesta perspectiva, o movimento tem apelado para uma revisão da história sobre o Holocausto, argumentando que este não aconteceu tal como apresentado pela história oficial, alegando inclusive, que seja uma publicidade estratégica de dominação sionista. O Holocausto não pode ser comparado aos genocídios outrora praticados na história humana, devido a seu caráter ímpar “como fenômeno arquitetado, planejado, organizado previamente visando o assassinato em massa de um grupo pelo Estado”^{XXIII}.

Dessa forma, apesar de Faurisson não se identificar como nazista ou neofascista, todo seu arcabouço ideológico, especialmente as características antisemitas, enquadram-no nesse papel. Devido a isso, precisamos refletir seriamente sobre os usos que podem ser feitos da Internet enquanto produtora de memória pelos fascismos em suas diversas roupagens, meios e espacialidades.

Nesta perspectiva, desde os primeiros momentos na rede, grupos de extrema-direita, fundamentalistas e antisemitas, apropriam-se das ferramentas disponíveis no ciberespaço, vestindo uma indumentária de “liberdade de expressão” ou esclarecimento da “história”, como alegam os revisionistas, para propagandear o ódio e a violência contra os judeus e aqueles que não se “enquadram” ao seu padrão de raça, sociedade, identidade, a exemplo do Portal Radio Islam. Ali não era difícil encontrar assinaturas “14/88” em fóruns e textos de supostos defensores da liberdade de expressão. Eis o significado: 1, remete à primeira letra do alfabeto - A; 8, conseqüentemente, representa o H. “AH” Adolf Hitler. Daí, muitos grupos utilizarem o número 88 em suas designações: “HH”, isto é, “Heil Hitler!”. Por sua vez, o uso do 14 representa as 14 palavras presentes no slogan do movimento da supremacia branca pelo mundo: “We must secure the existence of our people and a future for white children” (*Nós devemos assegurar a existência de nosso povo e o futuro das crianças brancas*).

O portal *Valhalla88*, já extinto, ainda está disponível na web através de outros sites, principalmente pelo Nova Ordem. Seu nome origina-se da mitologia nórdica, em referência explícita à morda destinada aos guerreiros mortos em combate. De origem brasileira, permaneceu ativo de 1997 a 2007 hospedado no provedor argentino *libreopinion.com*. Depois de rastreado pela Polícia Federal e membros da Comunidade Judaica no Brasil, foi retirado do ar. Negros, judeus, homossexuais, imigrantes e, sobretudo nordestinos, ainda são os seus principais alvos^{XXIV} (<http://www.nuevorden.net>).

Outro site estudado, o Ciudad Libre Opinión, é um portal argentino fundado em 21/09/1999 por Alejandro Carlos Biondini, jornalista e fundador do partido, não oficial, Nuevo Triunfo. Este portal contém amplo conteúdo antisemita e nacional-socialista. Há também seções de informações políticas, artigos, álbuns fotográficos, vídeos e charges. Inúmeras imagens de Hitler, Mussolini, símbolos nazistas e da SS, além de charges atacando políticos como Nestor Kirchner (1950-2010) e Hugo Chávez (1954-2013). Esta página possibilitava que sítios como o revisionista Metapedia (<http://www.metapedia.org>) e o Milano (<http://milanointernet.altervista.org>), um portal com vários sites europeus de extrema-direita, fossem conectados sem dificuldades.

FASCISTAS NA ERA DIGITAL: SUBSÍDIOS PARA COMPARAÇÕES ENTRE WEBSITES DA EUROPA E DA AMÉRICA DO SUL (1996-2008)

MAYNARD, D. C. S.

O emulador do extinto Valhalla88 é o site espanhol Nova Ordem, criado em 1997 e registrado nos EUA. Assumidamente nacional-socialista, disponibiliza a seus usuários, assim como os outros já mencionados, artigos, fotografias, cartazes, charges e veicula ideias antissemitas. Está disponível também em português. Um dos seus objetivos “é proporcionar informação não disponível nos controlados meios de comunicação e construir uma comunidade de ativistas brancos que colaborem e trabalhem para a sobrevivência de nossa gente” (www.nuevorden.net/portugues/nossos_principios.htm). Embora não se identifique como um sítio skinhead neonazi, o Nova Ordem afirma: “...ao longo de nossa vida com o site foram numerosas as colaborações com grupos skins (...) este não é um site skin, mas os skins são bem-vindos”. (www.nuevorden.net/portugues/s.html).

O que vincula cada um dos ambientes eletrônicos analisados nesta pesquisa, além do fascínio tecnológico e da difusão de elementos que compõem a “família” de valores fascistas, tais como o antiliberalismo, a xenofobia e contundente recusa da alteridade, é o cuidado existente em cada um deles na produção de ferramentas acessíveis, manipuláveis e didáticas para a difusão dos fascismos. Há neles um evidente propósito pedagógico que avança sobre os valores e ensinamentos convencionalmente aprendidos nas escolas e em outros espaços formais do saber. Enquanto se discutia sobre a incorporação da Internet aos processos formativos, os neofascistas, em suas mais diferentes roupagens, se anteciparam e puseram-se a trabalhar nos teclados^{XXV}. Como observou Teixeira da Silva, a permanência de práticas como estas indicia que “em algum momento a educação – não só o ensino da história – mas, todo o processo educativo, falhou! A escola não soube, ou não pode com seus meios, evitar o nazismo (de novo)!” ou seja, de certo modo, a ressurgência dos fascismos “é uma derrota da escola”^{XXVI}.

Considerações finais

Quando as primeiras páginas neofascistas apareceram, a reação a elas esteve muito próxima daquela experimentada pelos camisas negras italianos e pela “peste marrom” que parecia inundar as ruas da Alemanha entre 1920 e 1940. As suas pretensões eram nada mais que delírios, sonhos de arruaceiros políticos. Anos depois, Reinhart Koselleck nos lembraria que “os próprios sonhos são formas de realização de terror”^{XXVII}. E poeticamente Chico Buarque, ao falar de um Brasil delirante e seduzido pelos fascismos, observou o quão difícil é “quando você sabe que é sonho, mas não consegue ver a saída”^{XXVIII}.

Esta nota de pesquisa enfatiza a necessidade de compreender historicamente a presença digital da extrema-direita. A persistência de práticas fascistas demonstra que fenômenos aparentemente novos resultam de processos mais longos de adaptação e continuidade. Ainda em 1946, pouco tempo após o fim da Segunda Guerra Mundial, Lucien Febvre alertou que “viver, para nós e para nossos filhos, será amanhã, e mesmo hoje, adaptar-se a um mundo perpetuamente instável”^{XXIX}. Este diagnóstico evidencia o quão difícil é pensar problemas históricos formulados diante dos nossos olhos na velocidade da contemporaneidade, sempre nos parecendo recentes. Porém, um olhar atencioso revelará uma história mais longa, tensa, densa e provavelmente por essa razão, trata-se de uma tarefa também inadiável.

FASCISTAS NA ERA DIGITAL: SUBSÍDIOS PARA COMPARAÇÕES ENTRE WEBSITES DA EUROPA E DA AMÉRICA DO SUL (1996-2008)

MAYNARD, D. C. S.

Notas

^I Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC/UFRJ). Bolsista Produtividade CNPq. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente. Coordena o projeto *Segunda Guerra Mundial no Nordeste Brasileiro: cotidiano e transformação social*, apoiado pelo Edital FAPITEC/SE/FUNTEC n° 01/2024 Universal e CNPq/MCTI n° 10/2023 – Universal. dilton@getempo.org. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9780-0260>

^{II} QUITTNER, Joshua, STAMPER, Chris. Home pages for hate. *New York Times*. Jan. 22, 1996.

^{III} BUARQUE, Chico. **Essa Gente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p.53.

^{IV} Cf. BLOCH, Marc. Por une Histoire Comparée des sociétés européennes. **Revue de Synthèse Historique**. 46:15-50; KOCKA, J. Comparison and beyond. **History and Theory**, Vol. 42, No. 1 (Feb., 2003), pp. 39-44; WELSKOPP, Thomas. Comparative History, in: *European History Online* (EGO), published by the Institute of European History (IEG), Mainz 2010-12-03. URL: <http://www.ieg-ego.eu/welskoppt-2010-en>.

^V Sobre isto consultar: BACK, L, KEITH, M, SOLOMOS, John. Racism on the Internet: mapping neofascist subcultures in cyberspace. *BJØRGO, T., KAPLAN, J. (Orgs.). Nation and race: the developing Euro-American racist subculture*. Austin, TX: Northeastern University Press, 1998. p.73-101.

^{VI} No original: “racists have discovered that the Net is a marvelous way to get their message out to a huge audience at low cost”. QUITTNER, Joshua, STAMPER, Chris. Home pages for hate. *Time*. Jan. 22, 1996. <www.time.com/time/.../0,9171,983994,00.html> Último acesso 20/08/2011.

^{VII} No original: “in the electronic age, face-to-face meetings are secondary importance in forging international linkages. Like the domestic groups, the international far right utilizes the Internet as well as fax machines and desktop publishing to spread the word”. RIDGEWAY, James. **Blood in the Face: The Ku, Klux, Klan, Aryan Nations, Nazi skinheads, and the Rise of a New White Culture**. 2 ed. New York: Thunder's Mother Press, 1995.p.21

^{VIII} A tecnologia passou a ocupar um papel central e, conforme David Talbot, “a internet não é apenas uma ferramenta usada pelas organizações terroristas – ela é fundamental para suas operações. Alguns afirmam que desde o 11 de setembro, a presença da Al Qaeda on-line se tornou ainda mais forte e pertinente do que sua própria presença física”. Cf.TALBOT, David. Terror's Server - How radical Islamists use internet fraud to finance terrorism and exploit the internet for Jihad propaganda and recruitment. *Technology Review*.<http://www.technologyreview.com/articles/05/02/issue/feature_terror.asp?p=0> Último acesso em 09/06/2005.

^{IX} Paxton, R. O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

^X SCHURSTER, Karl, SILVA Francisco C. Teixeira da. **Como não fazer um golpe de Estado: uma história interna do 8 de janeiro de 2023**.p.24-25. Recife: EDUPE, 2023. p.23-25.

^{XI} SCHURSTER, Karl, SILVA Francisco C. Teixeira da. À guisa de quadro teórico. **Como não fazer um golpe de Estado: uma história interna do 8 de janeiro de 2023**.p.24-25. Recife: EDUPE, 2023.p.21-36.

^{XII} LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000. Cf. CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Ver ainda: Number of internet and social media users worldwide as of October 2025 (in billions). Disponível on-line via <https://www.statista.com/statistics/617136/digital-population-worldwide> . Acesso em 10 dez. 2025.

^{XIII} ROSENZWEIG, Roy. **Clio Wired: the future on the past in the digital age**. New York: Columbia University Press, 2011.

^{XIV} Ver: DARNTON, Robert. As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação. In: **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.p.40-89

^{XV} BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

^{XVI} PROST, Antoine. **Doze lições sobre história**. Tradução Guilherme João de Freitas Texeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.p.64

^{XVII} GINZBURG, Carlo. *Unus testis* – o extermínio dos judeus e o princípio de realidade. In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.213.

^{XVIII} GINZBURG, Carlo. *Unus testis* – o extermínio dos judeus e o princípio de realidade. In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.215.

^{XIX} Cf.CERTEAU, Michel de. **A escrita na história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FASCISTAS NA ERA DIGITAL: SUBSÍDIOS PARA COMPARAÇÕES ENTRE WEBSITES DA EUROPA E DA AMÉRICA DO SUL (1996-2008)

MAYNARD, D. C. S.

-
- ^{XX} VIDAL-NAQUET, Pierre. **Les Assassins de la mémoire et autres essais sur le révisionnisme**. Paris: Découverte, 2005.
- ^{XXI} GINZBURG, Carlo. *Unus testis – o extermínio dos judeus e o princípio de realidade*. In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.210-230
- ^{XXII} FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ^{XXIII} SILVA, Francisco Carlos (Org.). **O Século Sombrio**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.p.123-190
- ^{XXIV} Ver: MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011.
- ^{XXV} Cf. GABLE, Gerry, JACKSON, Paul (Orgs). **Far-Right.com: nationalist extremism on the Internet**. University of Northampton: Northampton, 2012.
- ^{XXVI} SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O retorno: é primavera em Zwickau, Alemanha. Carta Maior. Disponível on line via < http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5423> acesso em 24/01/2012.
- ^{XXVII} KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.
- ^{XXVIII} BUARQUE, Chico. **Essa Gente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p.53.
- ^{XXIX} FEBVRE, Lucien. **História**. MOTA, Carlos G.(Org.). 2 ed. SP: Ática, 1992.p.176.

Referências bibliográficas

- BACK, L, KEITH, M, SOLOMOS, John. Racism on the Internet: mapping neofascist subcultures in cyberspace. BJØRGO, T., KAPLAN, J. (Orgs.). **Nation and race: the developing Euro-American racist subculture**. Austin, TX: Northeastern University Press, 1998. p.73-101.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BLOCH, Marc. Por une Histoire Comparée des sociétés européennes. **Revue de Synthèse Historique**. 46:15-50.
- BOBBIO, Noberto. **Dicionário de Política**. Trad. João Ferreira, Carmem varriale et alli. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- BUARQUE, Chico. **Essa Gente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita na história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- COHEN, Daniel J., ROSENZWEIG, Roy. **Digital History: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.
- DARNTON, Robert. As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação. In: **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.p.40-89.

FASCISTAS NA ERA DIGITAL: SUBSÍDIOS PARA COMPARAÇÕES ENTRE WEBSITES DA EUROPA E DA AMÉRICA DO SUL (1996-2008)

MAYNARD, D. C. S.

FEBVRE, Lucien. **História**. MOTA, Carlos G.(Org.). 2 ed. SP: Ática, 1992.

FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

GABLE, Gerry, JACKSON, Paul (Orgs). **Far-Right.com: nationalist extremism on the Internet**. University of Northampton: Northampton, 2012.

GINZBURG, Carlo. *Unus testis* – o extermínio dos judeus e o princípio de realidade. In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p.210-230.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KOCKA, J. Comparison and beyond. **History and Theory**, Vol. 42, No. 1 (Feb., 2003), pp. 39-44.

KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

MAYNARD, D. A intolerância on line: aspectos da propaganda da extrema-direita brasileira na Internet. In: *Anais eletrônicos do XXIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis. CD-ROM, 2005.

MAYNARD, Dilton (Org.) **História, neofascismos e Intolerância: reflexões sobre o Tempo Presente**. São Cristóvão/rio de Janeiro:EdUFS/Luminárias, 2012.

MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011.

Paxton, R. O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre história**. Tradução Guilherme João de Freitas Texeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

RIDGEWAY, James. **Blood in the Face: The Ku, Klux, Klan, Aryan Nations, Nazi skinheads, and the Rise of a New White Culture**. 2 ed. New York: Thunder's Mother Press, 1995.

ROSENZWEIG, Roy. **Clio Wired: the future on the past in the digital age**. New York: Columbia University Press, 2011.

SCHURSTER, Karl, SILVA Francisco C. Teixeira da. **Como não fazer um golpe de Estado: uma história interna do 8 de janeiro de 2023**.p.24-25. Recife: EDUPE, 2023.

FASCISTAS NA ERA DIGITAL: SUBSÍDIOS PARA COMPARAÇÕES ENTRE WEBSITES DA EUROPA E DA AMÉRICA DO SUL (1996-2008)

MAYNARD, D. C. S.

SÉMELIN, Jacques. **Purificar e Destruir: usos políticos dos massacres e dos genocídios.** Rio de Janeiro: Difel, 2009.

SILVA, Francisco Carlos (Org.). **O Século Sombrio.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Les Assassin de la mémoire et autres essais sur le revisionnisme.** Paris: Découverte, 2005.

WELSKOPP, Thomas. Comparative History, in: *European History Online* (EGO), published by the Institute of European History (IEG), Mainz 2010-12-03. URL: <http://www.ieg-ego.eu/welskoppt-2010-en>.